

JUNTA-TE A ESTA EQUIPA E VAMOS SALVAR O PLANETA!

VOYAGERS

2

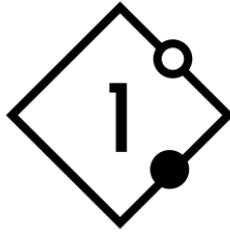
JOGO DE
CHAMAS

ROBIN WASSERMAN

VOYAGERS O JOGO



booksmite



No mais fundo âmago de uma selva antiga, a centenas de anos-luz da Terra, ouviu-se um motor ganhar vida. Momentos depois, uma nave prateada e elegante levantava-se do chão. Lançou-se sobre as árvores altaneiras e cortou as nuvens, qual espada de luz. A selva rosnou e trinou e guinchou perante visão tão estranha. Os Raptogontes atiraram as cabeçorras para trás, arreganharam os dentes e rugiram para o céu. A nave continuou a subir, uma estrela em ascensão que cintilava nítida e brilhante... e depois desapareceu.

No seu rasto, assentou sobre a selva um manto de silêncio. Apenas o gorjeio surdo dos pássaros e o zumbido dos insetos perturbava a quietude.

Até se ouvirem... passos.

Saiu um rapaz de um esconderijo existente nas árvores.

Um rapaz que não era daquele planeta, tal como a tripulação da nave prateada.

Um rapaz com a sua própria nave.

Vestia-se completamente de preto, com o símbolo da letra ômega no ombro direito. Inclinou a cabeça para o céu, como que a assegurar-se de que a nave tinha desaparecido de facto. Que estava finalmente só.

Tinha observado nas sombras os três humanos a lutarem contra o Raptogonte gigantesco. Quase esperara que o lagarto de 45 metros de altura os devorasse inteiros.

Não se teria importado nada com isso.

Mas, antes pelo contrário, eles tinham alcançado o impossível. Tinham arrancado um dente à criatura furiosa e escapado com vida. Levaram parte do dente para a nave, onde o iriam reduzir a pó. O Pó Rapidente era um dos seis elementos que, quando combinados, criariam uma fonte de energia limpa e autossuficiente. Seria a salvação da Terra, onde já quase não restava energia.

Aquela tripulação corria todos os tipos de riscos para passar o universo a pente fino em busca dos seis elementos. O rapaz vira-os a comemorarem a localização do primeiro deles.

Claro que não sabiam que ele estava lá.

Havia tanta coisa que não sabiam.

Ao passo que ele sabia tudo.

O Dash Conroy, a Piper Williams, o Gabriel Parker — assim se chamavam. A Carly Diamond orientara-lhes os movimentos a partir da nave-mãe, o *Leopardo das Nuvens*. Por fim, havia ainda aquele chamado Chris, em quem pensavam poder confiar.

Os Voyagers.

A equipa Alfa, como se designavam orgulhosamente. Como se fossem especiais por serem os primeiros.

O rapaz sabia tudo isto em relação a eles, e tudo o mais que interessasse. Eles não sabiam nada dele — nem sequer

tinham conhecimento da sua existência. Nem que ele fora atrás deles.

Se soubessem, decerto não deixariam parte do dente do Raptogonte no chão.

O rapaz avançou no solo musgoso da selva e parou a examinar o que restava do dente. Era do tamanho de uma porta e estava cheio de baba seca de Raptogonte. O rapaz esboçou um leve sorriso. Sim, aquilo serviria mesmo bem. Ergueu a mão esquerda e tocou no ecrã tátil que lhe revestia as costas da mão como uma garra. À distância, ouviu-se outro motor arrancar em resposta a este sinal. O rapaz aguardou impacientemente que o vaivém de transporte acelerasse pela selva até chegar a ele. Estava ansioso por voltar à nave-mãe — não havia tempo a perder. A qualquer momento, o *Leopardo das Nuvens* poderia entrar em Velocidade Gama. Quando entrasse, o rapaz seguiria logo no seu encalço.

O rapaz estivera muito tempo escondido à espreita.

Estava farto disso.

Em breve, pensava ele, chegaria a altura de se revelar. De mostrar aos Alfas quem tinham pela frente. Já não importava que soubessem que os seguia. Não o conseguiriam travar, porque sabia algo que eles desconheciam: mesmo quando se vai atrás de alguém, ainda se pode estar um passo à frente.





O Dash Conroy estudou o ecrã tátil ao lado do portal, percorrendo com o dedo o percurso que tinha mapeado. Cada símbolo marcava uma junção diferente no vasto emaranhado de tubos que serpenteava por toda a nave. Bastava uma manobra errada para ficar tudo perdido. Ele era o chefe da equipa Alfa, responsável por tudo o que acontecesse a bordo do *Leopardo das Nuvens* e naquela missão — não se podia dar ao luxo de errar.

Verificou o percurso.

Tornou a verificar.

Perfeito.

O Dash tocou no ecrã para finalizar a introdução de dados. Depois, agarrou-se bem, com as duas mãos, à barra metálica horizontal instalada por cima do portal.

Era agora.

Momento da verdade.

O Dash respirou fundo, levantou as pernas e lançou-se para dentro do tubo. Uma rajada de ar despachou-o logo, a toda a velocidade, para o coração do *Leopardo das Nuvens*.

— Iupi! — disse o Dash, mas o vento levou-lhe o grito. Voou por túneis cintilantes, incapaz de travar, mesmo que quisesse. Sempre para cima a uma velocidade estonteante, depois uma guinada à esquerda para dentro de outro ramal, e para baixo tão depressa, que até a barriga lhe subiu à garganta. Era como o escorrega de água mais louco do mundo, só que, em vez de ser projetado no meio de água gelada, ele fazia surf numa almofada de ar quente. O Dash virou à direita. Passou por um círculo completo, depois outro, mergulhou noutra queda louca e saiu do tubo como uma bala de canhão. Aterrou com um baque exatamente onde queria, no nível inferior do centro de treino da nave.

Missão cumprida.

— Ena pá! — exclamou o Dash quando viu o tempo. Um minuto e dois segundos. Novo recorde para a nave. Cinco quilómetros de tubagem feitos de milhares de percursos diferentes pela nave e a tripulação estava numa competição a ver quem encontrava o mais comprido. A Carly tinha conseguido 52 segundos na última volta — o Dash passara horas a tentar bater esse recorde. Entrelaçou os dedos atrás da cabeça como um lutador. — A vitória é minha!

Sim, o Dash era o chefe de equipa de uma missão interestelar em viagem pelo espaço a velocidades mais rápidas do que a da luz. Sim, tinha a tarefa mais importante do mundo — talvez até da galáxia. Essa tarefa traduzia-se em quatro: a Piper era a paramédica da nave; a Carly era a agente científica e tecnológica, o Gabriel era o navegador e piloto — e o Dash tinha de saber tudo o que faziam. Para qualquer eventualidade.

Nos 55 dias decorridos desde que tinham saído do planeta J-16, ele desempenhara tarefas muito importantes:

decorar plantas da nave, treinar no simulador de voo, estudar o destino seguinte, o planeta Meta Prime.

Ora, o Dash não se esquecia das prioridades: encontrava sempre tempo para surfar nos tubos.

— Um minuto e dois segundos! — bradou. — Recorde da nave, de certezinha! Boa!

— Cuidado para a próxima! — bradou também a Piper. — Quase aterravas num monte de ZRK!

— O quê? — De súbito, o Dash apercebeu-se de que estava envolto numa nuvem de maquetinas do tamanho de bolas de golfe. Zumbiam como uma colmeia de abelhas irritadas. Ou uma colmeia de robots em miniatura sobre a qual ele quase se sentara. — Hã, desculpem lá, pequenitos.

O *Leopardo das Nuvens* não podia funcionar sem uma frota de pequenos ZRK. Os robots inteligentes preparavam a tecnologia da missão, reparavam danos na nave, faziam qualquer outra coisa de que a tripulação precisasse. Também eram excelentes a estorvar.

— Não te esqueças de que os ZRK também são gente — disse a Piper. Ela não estava à vista. — Bem, tecnicamente, não.

— De maneira nenhuma, aliás — salientou o Dash. Olhou à volta em busca da fonte da voz da Piper, mas não a encontrou. — Onde é que tu estás?

— Aqui em cima! — gritou a Piper.

O Dash olhou para cima.

Bem, bem para cima.

O centro de treino era um átrio enorme, com dois pisos de altura. Certinho, lá estava a Piper, a pairar sobre um passadiço, quase 30 metros acima do solo. A Piper sorriu e acenou-lhe. O passadiço tinha menos de um metro de largura,

mas a Piper não parecia nada ralada. Sabia que não podia cair. A cadeira de ar não o permitiria.

Até aos cinco anos de idade, a Piper era como qualquer outra criança. Depois, dera-se o acidente.

Ainda se lembrava do que sentiu quando lhe disseram que nunca mais seria capaz de andar.

Ainda se lembrava da sensação de caminhar, porque andava sempre em sonhos.

A Piper dizia para consigo que não importava. Ela era inteligente como qualquer outra miúda, corajosa, capaz. Não o tinha já provado sendo escolhida para aquela missão? Milhares de miúdos das quatro partidas do mundo tinham-se candidatado a um lugar naquela nave — os miúdos mais inteligentes e rijos que o mundo tinha para dar. Entre todos, os responsáveis pela missão tinham-na escolhido a ela.

A melhor parte da missão era a oportunidade de salvar o mundo, mas a segunda parte era, decididamente, a cadeira de rodas aeroflutuante novinha em folha e feita à medida dela. A Piper não podia andar? E ela ralada! Agora podia voar!

Tinha passado a manhã num torvelinho no nível superior do centro de treino, a ver os ZRK a trabalhar e o resto da tripulação a brincar. Os tubos até podiam ser divertidos, mas nada se comparava à cadeira de ar da Piper.

— Novo recorde para esta nave! — exclamou o Dash outra vez, a dirigir-se à sala de treino onde o Gabriel e a Carly se tinham apoderado do campo de basquete. Nenhum dos dois reparou. Há semanas que o Gabriel e a Carly se queixavam do regime de treino. Estavam a ficar aborrecidos, a fazerem os mesmos exercícios todos os dias. Por conseguinte, o STEAM 6000, o robot da nave, tinha congeminado algo diferente.

O STEAM tinha concebido um jogo de treino em realidade virtual só para eles. Parecia um misto de basquetebol, esgrima, *lacrosse* e malabarismo com fogo. O Dash não percebia lá muito bem as regras, mas a Carly e o Gabriel já jogavam há dias. Usavam óculos pretos grossos de realidade virtual, e baixavam-se e desviavam-se de bolas de fogo virtuais e relâmpagos digitais que mais ninguém conseguia ver.

Estavam com um ar completamente ridículo, mas o Dash guardou essa opinião para si.

— Mas vocês nunca dormem? — perguntou ele desde o lado de fora do campo, em segurança.

A Carly baixou-se e depois saltou uma barreira invisível. Deu um pontapé com a perna direita e depois grunhiu como se tivesse levado um soco no estômago.

— Não posso dormir — disse, ofegante. — Estou ocupada a ganhar.

— Deves estar a dormir agora — o Gabriel arreliou-a quando se deitou para o chão e abraçou com as duas mãos uma bola invisível. Apanhou-a com as pontas dos dedos e atirou-a de volta a Carly. — Porque só podes estar a sonhar.

— Em quanto é que vai? — perguntou o Dash.

— A quantos estamos, Vaporeto? — questionou a Carly. O robot de treino não hesitou.

— A pontuação está em 62,094 contra 61,997, a favor da Carly, sim senhora! Ela está a dar-lhe com força!

— Ora toma lá! — guinchou a Carly, no preciso momento em que o Gabriel lançava uma saraivada de qualquer coisa à cabeça dela. O Dash conteve uma risada.

— Agora 62,098 contra 62,094 a favor do Gabriel — corrigiu o STEAM. — Ele é o rei do mundo, pois é!

A Carly fez uma careta. Gostava do Gabriel, mas adorava ganhar.

— Tu vais ao tapete, Gabe — prometeu ela.

O Dash sorriu para a sua tripulação. Ninguém diria que aqueles eram dois dos miúdos de 12 anos mais geniais à face da Terra — nem que o destino do planeta estava nas mãos deles.

Era fácil, em alturas como aquela, esquecerem-se da missão. Esquecerem-se de que não poderiam regressar a casa sem conseguirem todos os seis elementos e que, em caso de fracasso, ficariam tresmalhados. Perdidos no espaço para sempre, enquanto o povo da Terra esgotava lentamente os combustíveis e a energia, até todo o planeta ficar às escuras.

Por vezes, era bom esquecer. Deleitar-se com o facto de estar numa nave espacial cheia de tecnologia de ponta e equipada com mesas de pingue-pongue e uma cópia digital de todos os filmes jamais produzidos. Todavia, era também em alturas como aquela, os momentos divertidos, que o Dash sentia mais saudades da família. Da mãe e da irmã mais nova, Abby, sozinhas em Orlando, na Flórida. O Dash imaginava-as a contemplarem a cidade obscurecida, todas as luzes desligadas por causa do apagão obrigatório. Ou talvez contemplassem as estrelas, a perguntar quando é que ele voltaria para casa. Se ele voltaria para casa.

O Dash orgulhava-se de liderar aquela missão — de arriscar tudo para salvar a sua família e o planeta.

Porém, no fundo, aterrorizava-o a eventualidade de não conseguir.

Era espantoso que alguém tivesse em simultâneo no cérebro tantos sentimentos contraditórios. Era mais pequeno do que uma bola de futebol — como poderia haver espaço para tudo?

O STEAM fez bipe de repente, alarmado.

— Já não há tempo para jogos!

— Mais um serviço — queixou-se a Carly. — Desta vez apanhei-o, eu sei que apanhei.

— Cuidado, vê lá se passas um mau bocado — alertou o STEAM, animado.

O Dash grunhiu. O robot até podia ser o pedaço de tecnologia humana mais avançado jamais produzido mas, às vezes, mais parecia protagonista de uma comédia televisiva antiga e tosca.

— Dizem-me do convés de navegação que vamos sair de Velocidade Gama.

O Dash assumiu logo o papel de comandante.

— A sair de Velocidade Gama! — bradou ele para a Piper. — Toda a tripulação presente na ponte!

— Sim, meu comandante. — O Gabriel fez continência, a piscar-lhe o olho. O Gabriel ainda se estava a habituar à ideia de que o Dash mandava nele. Era por isso que se sentia melhor a arreliar o Dash.

Regra geral.

— Vamos embora! — disse a Carly, a correr à frente dos outros até ao portal dos tubos conforme a voz do Chris ecoava pela nave fora.

— Todos os tripulantes, apresentem-se no convés de navegação — chamou. — A sair de Velocidade Gama a qualquer momento.

— Como se nós não soubéssemos — disse o Gabriel, e saltou para dentro do tubo atrás da Carly.

O Chris era o quinto tripulante. Era alguns anos mais velho do que os outros e passava a maior parte do tempo livre sozinho. O Dash e os outros não sabiam muito bem de

onde ele tinha vindo nem como é que acabara dentro do *Leopardo das Nuvens*. Ao contrário de todos eles, o Chris não competira por um lugar a bordo. O Comandante Shawn Phillips, líder do Projeto Alfa, pura e simplesmente destacara-o para a nave.

E isto sem informar os restantes tripulantes.

O Gabriel também demorara a habituar-se à situação — e não era o único. O Chris era uma espécie de génio que tinha ajudado a gizir a missão dos *Voyagers*, ou seja, sabia coisas sobre o assunto que os outros desconheciam, e ninguém gosta de andar às cegas.

Um a um, os tripulantes zarparam pelos tubos rumo à proa da nave e saíram na ponte. A Piper seguiu na cadeira de ar pelo corredor central e segundos depois encontrou-se com eles no convés de voo. Na enorme janela panorâmica via-se um céu riscado com centelhas de luz. À Velocidade Gama, as estrelas não pareciam estrelas, mas sim fitas luminescentes, a enrolar-se em espirais à volta do *Leopardo das Nuvens* a velocidades estonteantes. O Dash sentia-se zozno só de olhar, mas nunca conseguia deixar de ver.

— Preparados? — perguntou o Dash à tripulação que se reunira no convés de voo. Sentiu um arrepio de entusiasmo na espinha. A nave saiu da Velocidade Gama em piloto automático — só tinham de se sentar e apertar os coletes de segurança para prepararem a entrada em órbita. Quer dizer, desde que não acontecesse nada de errado.

O Dash estava sempre preparado para que acontecesse algum mal.

— Preparados — responderam em unísono.

Os quatro tripulantes do Projeto Alfa apertaram os coletes de segurança nos assentos perfilados diante dos comandos.

Viajar à Velocidade Gama dava a mesma sensação que estar parado e, assim que a nave entrasse em órbita, o sistema de gravidade artificial da nave entraria em funcionamento. Porém, era preciso habituarem-se a essa transição.

Também eram precisos cintos de segurança bastante fortes.

O Gabriel enfiou os óculos escuros de voo que o deixavam assumir o comando manual da nave assim que entrassem na órbita de Meta Prime.

O Chris tinha um assento de voo para si nos seus aposentos, mas abriu uma linha de comunicações com a ponte.

— Daqui preparados — informou.

— Preparar para sair de Velocidade Gama — avisou o computador.

O Dash agarrou-se bem à beira da cadeira de voo. A nave abanava muito para cima e para baixo e para os lados. As forças G maciças enterravam-no no assento. A força da desaceleração fazia-lhe bater os dentes e a sensação era como se a pele se lhe derretesse no rosto.

— Ode-e-e-e-e-io e-e-e-e-e-sta p-a-a-a-a-a-rte!
— queixou-se a Carly com os dentes a bater.

Os outros nem responderam — era grande o esforço para não vomitar.

A pressão intensificou-se. Ocorreu ao Dash que aquela força poderia deixá-lo tão achatado a ponto de ficar bidimensional. Ou ainda que poderia derreter-lhe os miolos, que jorrariam pelos ouvidos. Nisto, quando pensava que não aguentava nem um segundo mais...

Acabou.

A gravidade voltava ao normal. Pelo menos, normal artificial. A nave deixava de abanar, os motores paravam de

rugir, o Gabriel passava-os para uma órbita estável, ficava tudo completamente normal. Exatamente como devia ser. A não ser...

— Oh, malta, mas eu estarei a ver coisas? — perguntou o Gabriel, enquanto tirava os óculos de voo e apontava um dedo trémulo para a janela, a qual, meros segundos antes, parecia apenas uma extensão estrelada de espaço vazio. — Ou aquilo é...?

— Alucinação em massa? — sugeriu a Carly, esperançosa. — Uma espécie de efeito secundário da Velocidade Gama de que não nos avisaram?

— Está mesmo lá — disse a Piper, a morder o lábio. — Mas não sei como é possível. Dash? O que é que tu achas?

O Dash não disse nada. Olhava boquiaberto, de olhos arregalados. Depois pestanejou para desanuviar a vista.

Não deu resultado.

Havia algo a materializar-se no espaço diante dos seus próprios olhos, algo enorme que ofuscava as estrelas.

Tratava-se de outra nave.



Gerou-se uma grande confusão no convés de navegação.

- O que é aquilo?
- Quem é aquele?
- Como é que pode haver mais alguém aqui?
- Estarão a seguir-nos?
- Mas quem são?

As vozes sobrepunham-se, todas toldadas pelo pânico. Estavam a centenas de anos-luz de casa, numa travessia pela vasta imensidão do espaço. Era impossível dar-se o acaso de se cruzarem com outra nave.

— Todavia...

Ali estava, uma nave escura e imponente, aproximadamente do mesmo tamanho do *Leopardo das Nuvens*. Enquanto o *Leopardo das Nuvens* era só curvas graciosas, aquela nave tinha linhas direitas e ângulos agudos, como uma seta a cortar o tecido espacial. Contudo, havia algo que não era estranho ao Dash, algo que espreitava no fundo da sua mente.

Algo nas duas naves que dava a sensação de fazerem uma parilha.

O Chris apareceu na ponte em segundos. Parecia tão chocado como qualquer um dos outros.

— Tu sabias disto? — perguntou-lhe o Dash, embora a resposta lhe estivesse estampada na cara. — Outra nave?

O Chris abanou a cabeça. Embora o Dash ainda tivesse questões a fazer sobre a presença do Chris na missão deles, acabara por confiar no rapaz mais velho como fonte de firmeza e orientação. Havia algo reconfortante em ter os conhecimentos dele a bordo. Era perturbante vê-lo assim baralhado.

— O que é que fazemos se tentarem disparar contra nós? — perguntou o Gabriel. — Não devíamos estar a preparar, tipo, os torpedos de fotões?

— Um torpedo de fotões é uma impossibilidade física — frisou o Chris, num tom perplexo.

— Está bem. Então, e um canhão laser? — experimentou o Gabriel. — Deve haver um tipo qualquer de canhão laser. Não vá aparecer uma Estrela da Morte ou coisa assim.

— Isto não é um filme — disse o Chris, num tom cansado. — Não há Estrelas da Morte. Nem Klingons. Nem canhões laser.

— Mas porque é que falamos de disparar contra eles? — perguntou a Piper. — Eles não fizeram nada.

— Por enquanto — sublinhou o Gabriel.

— Não devíamos tentar saber quem são? — insistiu a Piper. — O que estão a fazer além?

— Tens razão — assentiu o Dash. — Vamos abrir um canal de comunicações. — Depois, inseguro, virou-se para o Chris. — Hum, podemos fazer isso, não podemos?

— Sem dúvida que podemos tentar — respondeu o Chris. — Não há garantia de responderem.

A Carly, que tinha estudado cada centímetro da nave, incluindo o sistema de comunicação, mexeu nos comandos. Escolheu uma frequência de banda larga e depois fez sinal com a cabeça ao Dash.

O Dash pigarreou. Olhou para a câmara do tamanho de uma cabeça de alfinete que projetaria a sua imagem à outra nave.

— Fala Dash Conroy, no *Leopardo das Nuvens*, líder da equipa Alfa. Estamos numa missão para o planeta Terra. Nós... hum... — O Dash procurou dizer algo que causasse boa impressão e fosse digno de um líder. — Nós vimos em paz.

Atrás dele, o Gabriel arfou.

Houve um longo momento de silêncio. A seguir, apareceu uma imagem no monitor gigantesco acima da cabeça deles, revelando o interior de uma nave — e o rosto de uma rapariga.

Um rosto que o Dash conhecia muito bem. Um rosto que achou que nunca mais veria à frente.

— Tu? — perguntou ele.

A Anna Turner, a quem ele conquistara o lugar de líder da missão, mostrou-lhe um sorriso malicioso.

— Eu.

Na Terra, na Base 10, a Anna e o Dash tinham competido lado a lado ao longo de semanas. A Anna era mandona, egoísta, tinha mau génio e estava determinada a vencer a todo o custo. O Dash nunca mais se iria esquecer da cara dela quando percebeu que ele a batera. Que teria de voltar para casa, uma falhada. Que não haveria missão, não

haveria prémio de dez milhões de dólares, não haveria aventura intergaláctica para ela.

Só que lá estava ela, numa nave sua. Afinal não tinha perdido? O Dash nunca se sentira tão confuso. O sorriso da Anna abriu-se.

— E não sou só eu. Esta é a tripulação da *Lâmina de Luz*.

Com estas palavras, a vista do monitor expandiu-se e revelou o resto dos tripulantes. O Dash não podia crer naquilo. Ninguém na equipa Alfa podia crer naquilo. Presos a assentos de voo naquela nave estranhamente familiar estavam os outros quatro finalistas do Projeto Alfa. A Anna Turner, o Ravi Chavan, o Niko Rodriguez e a Siena Moretti. Cada um deles tinha competido ferozmente por um lugar no *Leopardo das Nuvens*.

Cada um deles tinha perdido.

— Não me digam que acharam ser os únicos aqui em cima? — zombou a Anna. — O espaço sideral é bem grande. Nunca se sabe quem se vai encontrar.

— Mas... mas... mas... — O Dash só balbuciava. A Anna tinha esse efeito nele. Estava sempre tão certa de saber mais do que os outros, especialmente em relação ao Dash. E adorava esfregar-lho na cara. Era esperta e rija e, a maior parte do tempo, irritante de tanta razão que tinha. O Dash e os outros tinham tido a certeza de que ela seria escolhida para a missão.

Todos ficaram secretamente aliviados por não ser.

Bem, talvez não fosse assim tão secreto.

A Piper atalhou.

— Creio que o Dash quer saber como é que vieram aqui parar? — A Piper mostrou-se simpática, embora a Anna

tivesse sido ainda mais rude com ela do que com o resto da equipa. A Piper preferia não guardar ressentimentos. Afinal, vencer era a melhor vingança, não era?

— E o que é que estão cá a fazer? — acrescentou ainda a Piper.

— Pois, sentido de oportunidade esquisito para uma viagem de cruzeiro — comentou o Gabriel.

— Numa nave que deve valer muitos biliões de dólares — acrescentou a Carly.

A Anna mirou a equipa Alfa por cima dos óculos. Ela e os elementos da sua equipa também se encontravam fardados, todos de preto, ostentando no ombro um símbolo, a letra ómega.

— Estamos a fazer o mesmo que vocês — respondeu a Anna, como se fosse a pergunta mais parva de sempre. — A caçar elementos, a tentar salvar a Terra... estão lembrados?

— Não percebo — confessou o Dash.

A Anna riu-se.

— Isso deve ser o eufemismo do século.

— O Comandante Phillips decidiu mandar outra nave? — Certamente não seria a primeira vez que Shawn Phillips lhes sonegava informações importantes. O Dash virou-se para o Chris, que exibia um semblante seríssimo. Se houvesse outra nave, o Chris saberia. Ora o Chris parecia perdido como o resto dos tripulantes. O Dash apercebeu-se de que era a primeira vez que via o rapaz mais velho apanhado desprevenido.

— O Comandante Phillips? — A Anna riu-se, e o resto da tripulação acompanhou-a no riso. — Não, não se aflijam, o vosso querido Phillips ainda os acha a melhor aposta. Felizmente para a Terra, encontrámos alguém que sabe mais do que isso.



— Quem? — perguntou o Dash. Odiava estar de fora, ter de suplicar respostas à Anna. Esta deleitava-se com a situação.

— Se quiserem mesmo saber, foi... — A Anna calou-se abruptamente. O Dash ouviu uma voz oriunda de fora do ecrã, mas não discerniu as palavras. A Anna estreitou os lábios numa linha fina e apertada. O Dash reconheceu aquela expressão: era a cara que a Anna fazia quando alguém mandava nela. — Vocês não têm nada com isso, mais nada — retrucou para o Dash com uma voz tensa. — O que importa é que a equipa Ómega vai apanhar todos os elementos muito antes dos falhados da Alfa.

— Que bom saber que não mudaste nada, Anna — comentou a Carly, sarcástica. O Gabriel ofegou.

— Pois, continua completamente delirante.

— Ela está simplesmente a ser precisa — referiu a Siena. Ao contrário dos outros, não parecia gabar-se nem esfregar-lhes nada na cara. Afirmava simplesmente um facto. — As nossas probabilidades de êxito são substancialmente maiores do que as vossas. Por razões que não podemos adiantar.

— Olhem, nós todos queremos encontrar os elementos e voltar para casa — lembrou o Dash. Não lhe agradava nada aquela situação, como não agradava a ninguém, mas era o líder da equipa. Tinha de pensar no que seria melhor para a missão. A Anna e os outros estavam ali agora, e duas naves só podiam ser melhores do que uma, não é? — Porque é que não trabalhamos juntos?

A Carly, a Piper e o Gabriel olharam para o Dash, espantados.

— Juntos com eles? Só podes estar a gozar — disse o Gabriel.

O Comandante Phillips tinha escolhido os Alfa em parte por serem muito bons a trabalhar em equipa. O Niko, o Ravi, a Siena e, especialmente, a Anna, por outro lado, comprovaram que trabalhavam melhor sozinhos.

— Com duas naves e duas tripulações, podemos encontrar os elementos com o dobro da rapidez — salientou o Dash.

— Juntos? Esquece lá isso — disse a Anna. — Não precisamos dos Alfa a atrasarem-nos.

— Talvez devêssemos ponderar — disse a Siena calmamente. — Estatisticamente, as nossas probabilidades de êxito aumentarão se...

Emudeceu abruptamente. Mais uma vez, ouviu-se o som de alguém a falar fora do ecrã. Desta vez, a figura apareceu e juntou-se ao resto da tripulação. Era uns anos mais velho do que os outros, com um par de óculos pretos quadrados no rosto severo.

— Este é o Colin, o quinto tripulante — apresentou a Anna, num tom que não soou nada contente.

O Dash achava que só na televisão se viam pessoas embaçadas, mas agora estava ele de boca escancarada. A Piper, o Gabriel e a Carly tinham semblantes idênticos de choque, como nos desenhos animados. Quatro pares de olhos viraram-se para o Chris. Depois para o Colin. Dardejaram para um e para outro, para um e para outro, como se assistissem a um jogo de ténis.

O Dash achou que só podia estar a imaginar coisas, mas não, era real — tirando os óculos, o rapaz na *Lâmina de Luz* era exatamente igual ao Chris. Só que o Dash nunca tinha visto o Chris a sorrir como o Colin. Este sorria como se observasse uma colónia de formigas. Como se ponderasse seriamente lançar fogo a essas formigas. E depois espezzinhá-las.

— O que é isto? — quis saber o Chris. A voz continuava inexpressiva como sempre, mas o Dash já o conhecia bem desde há uns meses. Percebia que o rapaz mais velho estava abalado. — Como é isto possível?

— Creio que já perdemos tempo demais na conversa — atalhou o Colin. Até a voz era exatamente igual à do Chris. Só que a do Chris soava calma e simpática, e a do Colin era glacial. — Que ganhe a melhor equipa, e vão por mim... — Afastou-se para um lado e viu-se um objeto grande e branco como um osso no centro do convés de navegação. Era o outro pedaço do dente do Raptogonte, que eles tinham deixado no planeta J-16. — Nós vamos ganhar.

O ecrã ficou negro.

— Ena — disse a Piper. Não conseguia tirar os olhos do Chris. — Foi... inesperado.

— Aquele tipo tinha mais de 13 anos de certezinha — comentou a Carly. — Como é que pode sobreviver à Velocidade Gama? Achava que o Chris era o único capaz disso.

— É isso que tu achas esquisito nisto? — perguntou o Gabriel. — Ele ser adolescente? Mas tu viste-lhe a cara? — O Gabriel também olhava para o Chris. — O que é que se passa, tu tens algum gémeo idêntico ou quê?

O Chris abanou a cabeça.

— De certeza que não.

— Se calhar um gémeo há muito desaparecido? — sugeriu a Carly. — Separados à nascença, como na televisão, ou sei lá.

— Se calhar era um clone — disse o Gabriel. — Alguma vez te falaram de te clonarem, Chris?

— Os clones não existem — disse a Carly.

— Ai não? Então o que é que tu achas que se passa?
— contrapôs o Gabriel.

— Talvez ele seja... hum... um robot — alvitrou a Carly.

— Um robot concebido para se parecer com o Chris e falar como o Chris — disse a Piper, aos risinhos.

— Só que, em vez de hambúrgueres, come óleo para motores — acrescentou o Gabriel.

— Pronto, pronto, provavelmente não é nenhum robot.
— acedeu a Carly. — O que te parece, Dash?

O Dash observava atentamente o Chris. O semblante do rapaz mais velho nada deixava transparecer.

— Parece-me que quero saber o que acha o Chris.

— A mim parece-me não valer a pena especular sem quaisquer dados — disse o Chris. Soava perfeitamente calmo, como sempre. Como se não tivesse acabado de apanhar a maior surpresa da sua vida. — Não vamos distrair-nos com coisas sem importância.

— Há outra nave a seguir-nos pelo espaço fora, eles têm uma pessoa igual a ti e não te parece que tenha importância?
— perguntou a Carly, incrédula.

— Seja ele quem for, não sou eu — retrucou o Chris. Pela maneira como falou, ocorreu ao Dash que estaria magoado com aquilo. Porém, ninguém diria isso pela cara dele. — Temos de lançar a nossa missão de extração em Meta Prime, onde encontraremos o segundo elemento. Agora só isso tem importância.

— Hum, o Chris tem razão — atalhou o Dash porque, por um lado, tinha, e, por outro, a Anna Turner estava no espaço a comandar a própria nave com um duplicado do Chris a bordo. Parecia mais do que relevante. — Encontramo-nos na doca de acoplagem daqui a uma

hora, para recebermos as coordenadas da missão e descermos à superfície o mais depressa possível.

O Chris assentiu vigorosamente e saiu da sala.

— Foi mesmo esquisito — disse o Gabriel. — Quer dizer, ele é sempre esquisito, mas aquilo foi uma esquisitice pegada, ou estou enganado?

— Não, foi mesmo esquisito — anuiu a Piper. Não era hábito do Chris retrucar daquela maneira. Estaria mais ralado com a outra nave e o gémeo impossível do que se dignaria admitir?

— Devíamos entrar em contacto com a Terra — salientou o Dash. — O Phillips deve querer saber disto.

— Partes do princípio de que não sabe já — venceu o Gabriel. O Dash abanou a cabeça.

— Nem por sombras ele ia...

— Esconder-nos segredos que mudam tudo? — interrompeu o Gabriel. — Ocultar-nos as coisas mais importantes da nossa própria missão até ser tarde demais para reagirmos? Mandar-nos para o espaço sem referir que podemos nunca mais voltar a casa?

O Dash não podia argumentar contra nada daquilo.

Porém, não podia crer que o Comandante Phillips lhes tivesse escondido uma coisa daquelas.

— Só há uma maneira de saber — sentenciou.

A Carly abriu um canal de comunicação com Terra — pelo menos, tentou.

— Só se ouve estática — informou ela. As comunicações para casa eram irregulares, especialmente quando saíam de Velocidade Gama. Por vezes, levava dias a obter um sinal nítido.

— Estão a reinar comigo? — resmungou o Gabriel. — A tecnologia mais avançada que a humanidade jamais criou e não consegue uma estúpida de uma chamada telefónica?

— É uma «estúpida de uma chamada telefónica» através de vários milhões de anos-luz — salientou a Piper.

— Continuaremos a tentar — disse o Dash —, mas, entretanto, parece que estamos por nossa conta.

— Grande novidade — resmungou o Gabriel. — Não é que ele nos dissesse nada, seja como for.

— Então e agora? — perguntou a Carly. — Vamos atrás do Chris? Tentamos que nos conte o que se está a passar?

— Porque é que achas que ele sabe mais do que nós? — perguntou o Dash.

— Ora, é evidente que ele sabe alguma coisa — disse o Gabriel. — Alguma coisa mais do que nos tem dito, pelo menos.

— Se souber, deve ter boas razões para não divulgar — contrapôs o Dash diplomaticamente. Tinham combinado todos que, se era para trabalharem os cinco como tripulação, teriam de confiar uns nos outros.

A Carly franziu o sobrolho. Também confiava no Chris — pelo menos, esforçava-se. Porém, a Carly não era do tipo de confiar totalmente em alguém.

— Espero mesmo que tenhas razão quanto a isso.

O Dash também esperava.

A viagem intergaláctica mais alucinante de sempre continua...
Objetivo da missão: Salvar a Terra!

Os Voyagers iniciam a sua busca pelo segundo elemento da Fonte e descobrem que ele está escondido em Meta Prime – um planeta com labirintos de metal e criaturas robóticas congeladas no tempo. Não há sinal de vida no planeta, parece abandonado. Até que algo – ou alguém – ativa os robots, e os Voyagers veem-se, inesperadamente, no meio de uma guerra entre dois poderosos senhores extraterrestres.

A missão torna-se ainda mais perigosa quando os Voyagers descobrem que estão a ser perseguidos por outra nave espacial, com tripulantes misteriosos.

O que será que pretendem? Estará a missão em risco?

O nosso planeta está nas mãos desta equipa e falhar não é opção!

E tu, já conheces esta grande aventura dos Voyagers?

A emoção vai muito além destas páginas...

Entra no site www.voyagers.pt, insere os códigos que encontras no interior do livro, acede a informações exclusivas, descarrega vídeos, desbloqueia jogos e resolve enigmas.

Junta-te à mais incrível equipa de toda a história!

booksmite
livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN 978-989-8831-83-5

11+



9 789898 831835

Literatura Juvenil